

A Influência do Metodismo na Reforma Social da Inglaterra no Século XVIII¹

Duncan Reily

Inegável é a ligação entre o Cristianismo do Novo Testamento e a ação social. Jesus uniu os grandes princípios do Velho Testamento num consórcio glorioso: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus 22.37-39). Nenhum homem poderá, impunemente, separar o que Jesus Cristo uniu. São Tiago, o apóstolo prático do Novo Testamento, considera as obras de caridade como a prova de fé viva em Cristo Jesus. Diz ele: “A fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma”. (Tiago 2.17) Baseando-se neste ensinamentos cristalinicos do Novo Testamento e na sua própria experiência cristã, João Wesley teve a convicção de que a verdadeira fé em Cristo resulta inevitavelmente em boas obras. Para ele, portanto, a chave da reforma social era a conversão dos indivíduos. Um pecador, tendo achado paz com Deus, viverá, em conseqüência, em paz com o seu próximo; amando a Deus, o pecador redimido amará e servirá a seu irmão. Conforme diz Maldwyn Edwards, “Ele achava que o indivíduo era responsável pelo bem estar social, e não o Estado. Era o dever e privilégio do rico ajudar o pobre, do entendido esclarecer o ignorante, do santo buscar o pecador. Ele colocava a sua inteira confiança no esforço pessoal e individual.” (Edwards, “After Wesley”, pg. 117) Nisto Wesley era filho do seu século, porque quase todos os reformadores sociais daquela época pensavam da mesma maneira.

É admirável o quanto Wesley conseguiu fazer diretamente. Ele empregou muito tempo e energia na Escola Kingswood e outras instituições de ensino. Atacou vigorosamente a escravatura, escrevendo a sua obra de grande influência “Pensamentos sobre a Escravidão” no ano de 1774. As suas obras filantrópicas em prol dos pobres e enfermos eram variadíssimas. Desejamos traçar a sua influência nestas coisas; mais a sua influência indireta, que foi maior ainda, não é fácil determinar. O Movimento Evangélico dentro da Igreja Anglicana foi grandemente influenciado pelo Reavivamento Wesleyano. Certos líderes Evangélicos estiveram intimamente ligados com os Wesleyanos; muitos outros receberam influência do movimento Metodista, mas não tão direta. Assim os Metodistas tiveram a sua parte no despertamento dos ministros anglicanos a seus deveres sociais, tanto que Betts diz: “Uma boa parte da reforma social e política devida ultimamente, em grande parte, à influência do Metodismo, foi realmente efetuada pelo Movimento Evangélico na Igreja Estabelecida e Dissensão (Denominações que se separam da Igreja Anglicana), em vez dos metodistas mesmos”. (Betts, “The Spirit of Methodism”. Pg. 215) Indicaremos, pois, algo desta influência de João Wesley e seus correligionários na Inglaterra, no Século XVIII, o século da sua fundação. É uma história gloriosa!

Imoralidade e Crime

Durante o Interregno (1649-1660), o Puritanismo teve sua supremacia na Inglaterra; mas, com a Restauração, houve forte reação contra o Puritanismo em todas as suas expressões. Proclamado Rei

¹ REILY, Duncan Alexander. A influência do metodismo na reforma social na Inglaterra no século XVIII.. s.l.: Junta Geral de Ação Social da Ig. Metod., 1953.

pelo Parlamento, Carlos II voltou do exílio e instalou-se no Palácio Real. É comentário triste que a sua primeira noite em Whitehall, ele a passou com uma amante. A era de “Merrie England” (Alegre Inglaterra) voltou, e o nível de moralidade abaixou-se espantosamente. Montesquieu, depois de visitar a Inglaterra, relatou: “Todo o mundo ri, se alguém fala em religião”. (Green, “A Short History of the English People”. Vol. III, pg. 2) E o clero inglês, na sua maioria, desconhecia as necessidades da sua geração – ou era muito fraco para satisfazer a estas necessidades. Não é certo dizer que o clero estava completamente inativo, porque havia muita atividade literária. Mas o seu descuido da tarefa religiosa e social era aterrador. “O descuido dos trabalhos pastorais, a estagnação espiritual, o nepotismo, o afastamento da sede por parte do pároco, gozando o mesmo clérigo de mais de um benefício, são fatos indiscutíveis” (Robertson, “England Under the Hanoverians”, pg. 207).

A imoralidade entre os altos oficiais do governo era conhecida, mas geralmente não condenada. A linguagem obscena e a embriaguez de Walpole não eram consideradas vergonhosas; o Duque de Grafton comumente aparecia publicamente com a sua amante no teatro; e Lord Chesterton foi caprichoso em ensinar a seu filho a arte da sedução como parte íntegra da sua educação liberal. (Green, op. cit., pg. 2) Com tais condições reinantes na alta sociedade, podemos imaginar as condições predominantes entre o povo em geral.

O jogo tornara-se quase que um passa-tempo nacional, “whist” sendo o divertimento predileto até da realeza. Qual uma praga terrível, o jogo cobria a terra. João Wesley se opôs a esse vício, e com tanto vigor atacou o jogo do baralho, que o uso das cartas pelo povo chamado metodista tornou-se praticamente interdito. Ele explicou o motivo da sua objeção ao jogo de azar: “Nutria a cobiça, e conduzia ao anelo do dinheiro que nenhum ganho poderia satisfazer plenamente”. (Edwards, op. cit. pg. 135). Condenava a corrida de cavalos, porque criava mais amor ao prazer do que a Deus. Mesmo que a pessoa nada perdesse, ainda assim ela desperdiçava o seu tempo numa atividade sem proveito. (Edwards, op. cit. pg. 135) Portanto, os metodistas não jogavam, e empregavam as suas energias na luta contra este vício.

Outro problema tremendo era o alcoolismo. Proibiu-se a importação de bebidas alcoólicas em 1689, mas a destilação na Inglaterra continuava em plena atividade. Até 1750 destilavam-se cerca de 44 milhões de litros por ano. Isso era verdade, apesar do fato de que se promulgaram leis entre 1736 e 1753 lançando imposto sobre as bebidas alcoólicas, restringindo a destilação, e limitando o número de bares, porque estas leis eram abertamente violadas. Era crença comum que o vinho era necessário para a saúde. Mas João e Carlos Wesley deixaram de tomar vinho no dia 20 de outubro de 1735, a não ser na Santa Ceia, conforme a sugestão do livro “A Questão da Bebida” por Estevão Hale. Por meio desta experiência, desmentiram a crença popular, provando que a abstinência faz bem para a saúde. (Cell, “The Rediscovery of John Wesley”, pg. 88).

João Wesley dizia que ficava atônito ao ver como o tráfego de bebidas podia ser apoiado numa terra civilizada; os seus efeitos eram tão óbvios... Muitos argumentavam que o governo precisava do rendimento ao dinheiro pago a um homicida por ter assassinado o seu semelhante – “blood money”. Havia, às vezes, falta de cereais na Inglaterra; Wesley demonstrava que a fabricação de bebidas era uma das causas principais desta falta. Alguns fabricantes defendiam a sua prática, dizendo que a bebida era necessária como remédio para os enfermos; assim, o fabricante de whisky era um benfeitor. Na sua resposta a este argumento, João Wesley lançou um desafio para que alguém procurasse encontrar, no país inteiro, 10 fabricantes que estivessem fabricando as suas bebidas exclusivamente para o uso medicinal. Ele proibiu os membros das sociedades metodistas de tomar

qualquer bebida alcoólica, a não ser com receita do médico; não permitiu que os pregadores tomassem por qualquer motivo. Em vez de remédio, o Pai do Metodismo encarou o álcool como um veneno que ameaçava a destruição da moral e do vigor do povo inglês.

A recreação era bárbara, em geral. Entre os esportes prediletos havia “Jogo de bastões”, briga de cachorros, briga de galos, etc. Havia estádios de “bear-baiting” e “bull baiting”. Segurando o urso pelo pescoço a um poste no meio do estádio, mandavam cachorros ferozes atacá-lo e atormentá-lo; faziam da mesma maneira com touros, geralmente aplicando pimenta às narinas para aumentar-lhes a raiva. Wesley desdenhosamente chamava tais atividades “Vestígios da barbaridade gótica, e um opróbrio, não só à religião, mas também à natureza humana”. (Edwards, op. cit. pg. 136). Ele externou a sua objeção a outros divertimentos comuns, convencido como estava de que a Inglaterra se aproximava rapidamente da lascívia universal através de “teatros, mascarados, e o “panteão” (lugar de divertimento público)”. (Edwards, op. cit. pg. 129). O baile, o uso do rapé e o uso do fumo em geral eram considerados prejudiciais, e não eram permitidos aos metodistas. Entretanto, João Wesley pensava que, possivelmente, se pudessem dançar sem perigo se “homens e mulheres não dançassem juntos, mas em salas separadas”. (Edwards, op. cit. pg. 130). Na prática porém, os metodistas procuravam outros passa-tempos. O Fundador do Metodismo sempre sugeria que o metodista ocioso ocupasse o seu tempo visitando os enfermos, lendo filosofia ou história da Igreja, ou fazendo alguma obra de caridade: fazendo assim, o metodista tinha poucas horas disponíveis para os divertimentos mundanos.

A desordem e a ilegalidade reinavam quase sem oposição. O contrabando era especialmente comum, devido aos altos impostos de alfândega. “Os oficiais da alfândega foram intimidados ou muitas vezes subornados, e nós o ouvimos de 50 a 100 contrabandistas trabalhando de dia em plena praia”. (Cross, “A History of England and Greater Britain”. pg. 805). Sentindo a necessidade de ação, João Wesley escreveu o panfleto, “Palavra a um Contrabandista”. O contrabandista, argumentou ele, estava roubando o rei, porque este perdia o imposto de importação; estava roubando o seu próximo também, visto que o contrabando aumentava os outros impostos. Concluiu com um apelo, rogando aos contrabandistas que se tornassem cidadãos honestos e retos. Claro que qualquer metodista que praticava o contrabando era expulso da sociedade.

O roubo de todo tipo era comum. Nem mesmo o correio era seguro. Numa ocasião, a correspondência entre Londres e Bristol foi roubada 5 vezes em 5 semanas! Um roubo destes ocorreu a uma distância apenas de uns 3 quilômetros de Londres. (Cross, op. cit. pg. 805).

A penalidade para os crimes era muito pesada; muitas vezes o magistrado libertava um réu, porque não queria enforcá-lo por uma pequena ofensa. Queimaram-se publicamente mulheres por crimes como assassinio e traição; na prática, geralmente eram estranguladas primeiro. Esta prática só terminou no ano de 1790. Presos que se recusavam a dizer a verdade no tribunal podiam ser castigados até morrerem. Esta prática terminou cerca do ano de 1735, mas a lei ainda vigorou até 1722. Usava-se o pelourinho, e publicamente açoitavam-se homens e mulheres até o fim do século. A prática e a atitude metodista fizeram muito para suavizar estes abusos. (Parágrafo baseado em Cross, op. cit. pg. 805).

Estas condições que temos descrito foram grandemente influenciadas pelo Reavivamento Metodista. Não é possível traçar os passos em todos os casos; mas é um fato que o metodismo determinou o tom moral de toda a Inglaterra. A excelência moral dos metodistas despertou o senso moral da Igreja da

Inglaterra e, depois, de todo o país. Um elevado tom moral em todos os aspectos da vida social foi o resultado inevitável.

Caridade aos pobres e enfermos

Em 1753, um observador da vida inglesa falou: “Todos dirão que os pobres são mal cuidados e, ainda mais, mal governados... os seus sofrimentos menos observados do que os delitos... Eles morrem de fome, congelam-se e apodrecem entre si, mas mendigam e roubam e furtam entre os mais afortunados”. (Trail e Mann, “Social England”, pg. 457 e 458). Esta pobreza tinha muitas causas – A circunvalação das terras públicas era desvantagem para o homem de pouco recurso; as fábricas deixaram muitos desempregados que fabricavam a mão; os preços elevaram-se mais rapidamente do que os salários. Enfim, os problemas multifários da Revolução Industrial eram envolvidos. Observando a pobreza reinante, os metodistas se sentiam obrigados a estender a sua mão alentadora. Eles compreendiam mui imperfeitamente o vasto significado da Revolução Industrial, mas enxergavam claramente a pobreza e a miséria que ela produzia. Portanto, não tentaram sanar a causa, mas “arregaçaram as mangas” para auxiliar as vítimas da Revolução.

João Wesley expôs a sua filosofia de mordomia cristã no seu sermão intitulado “O uso do dinheiro”, no qual estabeleceu 3 critérios que seguem: “(1) Ganhar tanto quanto possível. (2) Guardar tudo que possível. (3) Dar tudo que possível”. Wesley dava uma grande parte do seu próprio dinheiro para aliviar a necessidade humana, e ele achava que todos os cristãos deviam fazer o mesmo. Para transformar esta filosofia em ação prática nas sociedades metodistas, ele inaugurou um plano interessante. No mês de maio de 1741, pediu que todos os membros da sociedade metodista de Londres dessem um pênny por semana para acudir aos pobres e enfermos; assim teria uma quantia apreciável, com que poderia contar semanalmente. (North. “Early Methodist Philantropy”, pg. 30, 31). Mordomos (Ecônomos) foram nomeados para tirar estas coletas. Este plano começado na cidade de Londres, logo se alastrou às sociedades metodistas por toda a parte. E, além das coletas semanais, coletas especiais eram tiradas em tempos de crise ou necessidade aguda; por exemplo, geralmente era tirada uma coleta especial para providenciar agasalhos para os pobres passarem bem o inverno.

Um aspecto especial do trabalho com os pobres era o cuidado dispensado aos doentes. Houve uma epidemia em Londres em abril de 1741, e Wesley visitava tantos doentes quantos fosse possível, proporcionando-lhes um ministério espiritual e material. Certos membros das sociedades metodistas se apresentaram voluntariamente como ajudantes neste trabalho de visitação. Assim mesmo, o número era insuficiente, e Wesley apelou para mais ajudantes; outros ofereceram-se para o serviço perfazendo um total de 46. Eles dividiram a cidade de Londres em 23 partes, e cada dois visitantes visitavam sistematicamente os doentes da sua seção. Para financiar este programa, Wesley pediu um pênny por semana a todos os metodistas de Londres, como relatamos acima. Mas visitação deste tipo, ainda que útil, não resolvia o problema. Wesley achava que cada família devia ser capaz de assistir-se a si mesma, sem o auxílio do médico, a não ser em casos especiais. O fruto deste pensamento foi o compêndio “Medicina Elementar”, um livro de medicinas para o lar. Wesley estudou os melhores textos de medicina existentes como base de sua obra, e depois, adaptou os conhecimentos à linguagem simples do povo. Interessou-se também por terapia elétrica. Para que os pobres pudessem aproveitar-se dos seus benefícios, ele comprou um aparelho, e orientou a maneira de usá-los em

doentes de vários incômodos; parece que esta máquina de terapia elétrica foi usada com proveito considerável.

Wesley era varão de visão larga; ele percebia a vantagem de dar serviço em vez de esmola para os necessitados. Em novembro de 1740, “depois de várias sugestões, escolheram 12 dos mais pobres e os puseram a trabalhar, cardando e fiando algodão sob a direção dum mestre”. (North, op. cit. pg. 67). Continuou-se este serviço durante o inverno. Por meio deste e outros projetos semelhantes, dava a mão aos pobres – “a hand rather than a han-out”.

Devido a algum imprevisto na vida, muitas pessoas precisavam de vender ou hipotecar alguma propriedade, quase sempre com grande prejuízo para elas. Muitos destes casos podiam ser solucionados facilmente com um pequeno empréstimo. Visando esta classe de pessoas, Wesley estabeleceu em julho de 1746 um fundo de empréstimos, iniciando a empresa com somente 30 libras esterlinas. Mas o fundo proporcionou a muitos uma “chance”, dando-lhes um novo começo de vida. Entre os beneficiados haviam um pobre sapateiro que conseguiu estabelecer-se num outro ramo, graças a um empréstimo deste fundo. Tendo recebido o empréstimo em 1774, ele fundou uma livraria para a venda de livros de segunda-mão; prosperou tanto, que, até 1791, o lucro da livraria era de 4.000 libras esterlinas anuais. (North, op. cit. pg. 70).

Muitas outras instituições tais como orfanatos, lares para viúvas, e escolas também serviram muito para aliviar o sofrimento causado pela pobreza, mas os exemplos dados mostram o espírito metodista para com a necessidade humana.

Podemos ver facilmente que a filosofia wesleyana colocou a responsabilidade de socorrer os necessitados no nível individual. Se alguém tinha dinheiro ou propriedade, era sua responsabilidade repartir, auxiliando os menos favorecidos. Wesley não via nos pobres uma responsabilidade do governo; nem se esforçou para reformar os aspectos maléficos da Revolução Industrial, e sim dirigiu a sua mensagem aos indivíduos, defrontando-os com as suas responsabilidades pessoais perante o problema. Entretanto, a filosofia de Wesley solucionou, de maneira permanente, o problema entre os metodistas. Wesley encarava a vocação do mesmo modo que Calvino, não considerando nenhum serviço honesto como secular. Cada pessoa devia fazer bem o seu serviço, lembrando que, no trabalho cotidiano, estava servindo a Deus. A diligência no trabalho, a economia, a generosidade para o trabalho de Deus eram, por ele, consideradas coisas sábias. Esta filosofia resultou na elevação material do povo chamado metodista, dentro de poucas gerações, tornando-se a pobreza aguda quase desconhecida no seu meio.

Reforma educacional

A educação popular era quase que desconhecida na Inglaterra no começo do século XVIII. Green diz: “Não havia escolas, a não ser as escolas primárias de Eduardo e Elizabeth, e as recém-estabelecidas escolas “circulantes” de Gales, para educação religiosa”. (Green, op. cit. pg. 3). Assim os filhos dos lares pobres ficavam analfabetos, em regra, porque os pais não podiam pagar as taxas das escolas particulares. Talvez mais importante do ponto de vista dos metodistas era o estado moral nas escolas que existiam. Wesley acreditava que, em menino, ele era um santo quando entrou para a Escola Charterhouse, mas saiu um pecador. Ele se lembrava vivamente da atitude dos estudantes da Universidade de Oxford quanto à religião; eles haviam ridicularizado o “Clube Santo”, tentando

desanimar os seus membros pelo escárnio. Havia um grande abismo entre o saber e a piedade, um abismo sobre o qual os metodistas queriam “construir uma ponte”.

Depois de estudar cuidadosamente o sistema educacional em voga na Inglaterra, Wesley salientou 5 grandes defeitos desse sistema, conforme o seu modo de ver. (1) As escolas eram mal localizadas, geralmente nas cidades grandes; em consequência, a matrícula era quase sempre demasiada. (2) Havia crianças de toda condição moral numa grande escola; assim os piores corrompiam a moral das melhores. (3) A instrução religiosa era muito falha; muitas vezes o próprio professor de religião não era simpático ao cristianismo. (4) As disciplinas eram mal escolhidas. Por exemplo, a leitura, a escrita e a aritmética foram relegadas a um plano inferior ao dos clássicos; e, muitas vezes, se omitia o estudo do hebraico. (5) Havia sérios defeitos na pedagogia. Por exemplo, os clássicos comumente estudados eram, muitas vezes, anti-religiosos e destruidores da moral. Portanto, nas escolas que fundou, Wesley procurou unir o saber à piedade, conforme ele próprio demonstrava na sua pessoa. (Body, “John Wesley and Education”. pg. 45-47).

Wesley sabia que muitos pobres, especialmente adultos, nunca poderiam freqüentar as escolas; mas, quando alfabetizados, eles podiam educar-se a si mesmo através da leitura. Visando justamente esta classe de pessoas, Wesley escreveu um grande número de panfletos, em que considerou assuntos variadíssimos, desde a liberdade até os modos práticos de limpar o orvalho das janelas das carruagens. Ele os vendia a preços módicos, não visando lucro, mas sim o serviço cristão. Na sua famosa “biblioteca cristã”, que preparou principalmente para os pregadores, Wesley deu ao povo 50 volumes, contendo muitas obras primas de literatura em forma abreviada. As suas gramáticas e livros de História da Inglaterra provavelmente proporcionaram a muitos ingleses a sua única instrução nestes assuntos. É interessante notar que Wesley ganhou pelo menos 20.000 libras esterlinas por meio da sua atividade literária, mas empregou-as, quase na sua totalidade, em obras de caridade, tendo morrido pobre (Carrol, João Wesley, “The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge”, vol. XII, pg. 308).

A Escola Kingswood foi o maior empreendimento educacional de João Wesley. Quem principiou a escola foi Whitefield que compreendia a necessidade duma escola para instrução dos filhos dos mineiros de Kingswood, os quais estavam se convertendo e entrando para as sociedades metodistas daquela localidade com grande rapidez. Este grande orador sacro angariou 60 libras em dinheiro e promessas, lançou uma pedra fundamental e viajou para a América do Norte. Precisamente a esta altura, João Wesley recebeu a incumbência de continuar o trabalho. Recebeu-a ainda “em embrião”, mas sob a sua direção a escola tornou-se uma realidade. Ele deu numa carta a razão de ser da instituição: “Propõe-se nas horas usuais do dia, a ensinar as crianças a escrever, ler e contar; mas especialmente, com a ajuda de Deus, a conhecer a Deus e Jesus Cristo que Ele enviou”. (Body, op. cit. pg. 75). Esta era a primeira Escola Kingswood, estabelecida em 1740; a segunda organizada no mesmo local, e conhecida por “Escola Nova”, foi inaugurada em 1748. Depois de alguns anos cheios de dificuldades, eliminação (por Wesley próprio) de membros do corpo docente bem como do corpo discente, e incerteza financeira a Conferência Metodista adotou a Nova Escola Kingswood em 1756. Os metodistas criaram várias outras escolas para os pobres e os filhos dos pregadores wesleyanos, tais como a Escola da Fundação em Londres e a Casa dos Órfãos em Bristol.

O movimento das Escolas Dominicais foi mais um passo na direção da educação popular. North nos diz: “Os alunos das Escolas Dominicais não recebiam, geralmente, instrução nas matérias seculares senão indiretamente, mas aprendiam a leitura; e os mais inteligentes adquiriam conhecimentos

gerais muito úteis. Desde o início as Escolas Dominicais tinham valor cultural. Wesley dizia que elas afastavam as crianças dos vícios e ensinavam-lhes boas maneiras”. (North, op. cit. pg. 104). A senhorita Ana Ball, de High Wycombe, é considerada a fundadora da primeira Escola Dominical Metodista, no sentido exato do termo. Organizada no ano de 1769, a sua Escola funcionou por muitos anos. Outras Escolas Dominicais surgiram numa sucessão rápida, tais como as Escolas estabelecidas por Samuel Bates, de Charlesmont, Irlanda; a do Dr. Kennedy, de Bright, Country Downs. Em 1790 o Rev. Charles Atmore fundou uma Escola Dominical em Newcastle, cuja matrícula cresceu velozmente, atingindo o número de 800 alunos. (North, op. cit. pg. 110).

Roberto Raikes, redator e dono do “Gloucester Journal”, é geralmente considerado o Pai da Escola Dominical. Realmente, ele estabeleceu a sua primeira Escola só em 1780, uns 11 anos após a Escola de Ana Ball. Três anos depois, quando tinha certeza do sucesso da Escola, publicou a sua experiência no seu próprio jornal. Os jornais de Londres também publicaram a história da Escola Dominical de Raikes, e o movimento alastrou-se rapidamente por toda a Inglaterra. Raikes era anglicano, não metodista, mas foi influenciado pelo Reavivamento Wesleyano. Conforme o historiador Green, “As Escolas Dominicais estabelecidas pelo sr. Raikes, de Gloucester, no fim do século (XVIII) foram o começo da educação popular”. (Green, op. cit. pg. 7). Se isto for verdade, então é inegável a influência metodista neste grande movimento, porque Edwards afirma: “Ricarod Carlile, um ateu declarado e inimigo do Metodismo, disse que Escolas Bíblicas para a mocidade eram dirigidas principalmente pelos metodistas”. (Edwards, op. cit. pg. 7). Infelizmente, os metodistas não se movimentaram para conseguir que a educação popular fosse financiada pelo governo da Inglaterra. Mas, nas suas escolas diurnas e escolas Dominicais, os seguidores de Wesley abriram caminho para isto.

Reforma das prisões

As prisões da Inglaterra revelaram uma emperdenida atitude para com os criminosos. Certamente não havia o pensamento de reformar os réus, reabilitando-os como cidadãos úteis; uma demora na cadeia era considerada um castigo justo pelo crime cometido. Lord Oglethorp, conhecedor das condições das prisões, dirigiu um inquérito parlamentar em 1729. O inquérito revelou abusos horríveis, e o Parlamento aprovou leis para melhorar o estado geral das prisões; mas estes regulamentos não foram cumpridos, na maioria dos casos. Em parte por este motivo, Lord Oglethorpe voltou a sua atenção à colônia de Geórgia, a qual ele fundou no ano de 1733 como refúgio para pobres devedores e protestantes oprimidos. (Cross, op. cit. pg. 804, 805).

Uma das atividades principais do Clube Santo da Universidade de Oxford fora a visitação dos presos; e depois da sua conversão, João e Carlos Wesley assistiam aos encarcerados mais do que nunca. Wesley voltou da América do Norte sem a certeza da sua salvação. Assim mesmo, começou a pregar a salvação só pela fé, segundo o conselho de Pedro Bohler. Pregou esta doutrina pela primeira vez para um preso, no dia 6 de março de 1738; só aos 24 de maio é que teve a sua experiência religiosa na Rua Aldersgate, na qual sentiu a certeza que Cristo lhe havia livrado dos pecados, e da lei do pecado e da morte. Três semanas depois, Wesley presenciou a execução deste réu. Ele orou pelo preso, primeiro formalmente e depois espontaneamente. O réu ajoelhou-se, dizendo, não ter descanso para a sua alma por causa dos seus pecados. Dali a pouco, levantou-se subitamente e gritou: “Agora estou pronto para morrer. Sei que Cristo tirou os meus pecados; não há condenação para mim”. (Kissack, Methodist Shrines in England. “The Christian Advocate”. August 2, 1951, pg. 5,

15). “Durante 9 meses, a partir de setembro de 1783, ele (João Wesley) visitou ou pregou nas cadeias de Londres, Bristol e Oxford não menos do que 69 vezes”. (North, op. pg. 61, 62). Visavam a evangelização dos presos e conforto espiritual para com os condenados; quais os anjos de Deus, alegravam-se “por um pecador que se arrependia”. Além desta capelania não oficial, cujo valor espiritual não era mesquinho, Wesley atendia às necessidades materiais dos presos. Por exemplo, quando, em 1759, muitos soldados franceses se achavam presos em Bristol, ele pregou um sermão e tirou uma coleta especial para providenciar roupa e cobertores para eles poderem suportar o frio do inverno.

Talvez mais significativo do que (o que) conseguiram fazer pelos encarcerados tenha sido a influência que exerceram em certos carcereiros. Por exemplo, quando Dagge, carcereiro da Cadeia Newgate em Bristol, converteu-se através da pregação metodista, ele transformou por completo a cadeia, João Wesley escreveu o seguinte numa carta ao Redator do “London Chronicle”:

1. Toda parte da cadeia, no 1º andar e no andar térreo, e mesmo no porão onde os réus se prendem de noite, está tão limpa quanto a casa dum “gentleman”, sendo uma regra que cada preso lave e limpe o seu apartamento duas vezes por semana. 2. Aqui não há briga. Se alguém se julga ofendido, a causa é imediatamente referida ao carcereiro, que ouve os dois, face a face, e resolve a questão dum vez. 3. Os motivos usuais para a discussão não existem; porque é raro alguém lesar ou roubar um outro, sabendo que, sendo descoberto, será mais restrita a sua clausura. 4. Aqui não se permite embriaguez, ainda que fosse vantajoso ao carcereiro (que poderia cobrar um preço exorbitante pela bebida) e o taberneiro. 5. Não há prostituição, sendo as prisioneiras cuidadosamente observadas e separadas dos homens, e nenhuma mulher da cidade admitida, como prostituta por preço algum. 6. Todo o cuidado possível é tomado para evitar a ociosidade; para aqueles que querem trabalhar no seu ofício, providenciam-se as ferramentas e os materiais, em parte pelo carcereiro, que lhes dá dinheiro a juros moderados, e em parte pelas esmolas que lhe são dadas de vez em quando, as quais são divididas com perfeita imparcialidade. Assim, neste momento (2 de janeiro de 1761), um sapateiro, um alfaiate, um caldeireiro, e um fabricante de carruagem trabalham nos seus respectivos ofícios. 7. No dia do Senhor, eles nem trabalham nem se divertem, mas se vestem tão limpos quanto possível, para assistirem ao culto público, ao qual toda pessoa debaixo do teto está presente. Não se dispensa ninguém a não ser por doença; neste caso, o doente recebe tanto o conselho como o remédio. 8. Para ajudá-los espiritual e temporalmente, eles ouvem um sermão todos os domingos e quintas-feiras. Uma grande Bíblia está presa por uma corrente em um lado da capela, a disposição de qualquer preso. (North, op. cit. pg. 59, 60).

Os melhoramentos que Wesley anotou na sua carta nos servem de base para imaginarmos as condições na cadeia de Newgate, antes da conversão de Dagge, bem como as condições das outras cadeias da Inglaterra.

O líder mais famoso na reforma das prisões da Inglaterra foi João Howard, que não foi membro de nenhuma sociedade metodista, mas foi grandemente influenciado pelos metodistas. Ele recebeu a nomeação de “High Sheriff of Bedfordshire” (uma espécie de Secretário da Segurança Pública) no ano de 1774. Tomando muito a sério o seu cargo, ele visitou praticamente todas as cadeias da

Inglaterra durante o primeiro ano e descobriu muitos dos mesmos abusos achados antes pelo inquérito parlamentar de 1729. Howard determinou corrigi-los.

“As prisões eram escuras, porque os carcereiros não queriam pagar o imposto de janelas; a água era cara, e portanto, dada com mesquinhez. Higiene, como entendemos o termo, não existia em lugar algum, e muito menos nas cadeias”. (Trail e Mann, op. cit. pg. 657). Os carcereiros não recebiam salário estipulado; eles compravam o seu lugar, e quais os Publicanos da antiga Palestina, extorquiam o que podiam. Assim, uma pessoa absolvida pelo tribunal, às vezes era jogada na cadeia novamente pelo carcereiro, porque não podia pagar a taxa da cela. O devedor sofria muito; quase sempre passava fome, porque não havia pensão regular; a sua cama era um monte de palha; se ficava doente, os médicos e os capelães, geralmente não o visitavam por medo da “febre da cadeia”. Podia ser transportado, também, para “as fazendas americanas, para ali suportar torturas horríveis sob o sol semi-tropical, sem esperança de emancipação antes de 7 ou 14 anos”. (Trail e Mann, op. cit. pg. 658).

João Howard logo tomou providências para corrigir os piores dos abusos, conseguindo duas leis em 1774. A primeira estipulou um salário para os carcereiros, para que os mesmos não precisassem exigir quotas dos presos. A segunda, uma medida sanitária, exigiu que as paredes e os forros das prisões fossem limpos e caiados anualmente; que as celas fossem limpas e ventiladas; que enfermarias fossem providenciadas para os doentes; que os presos nus fossem vestidos; e que as masmorras fossem usadas o menos possível.

Howard queria conhecer as prisões pessoalmente, e as visitava com regularidade. Numa cadeia achou uma cela tão estreita e sem conforto, que o preso que a ocupava preferia a força em vez de continuar a viver nela. Mandando tirá-lo dali, Howard fechou-se na mesma cela; e ele próprio suportou a escuridão, o mau cheiro e a falta de conforto até não poder mais. Esta e muitas outras experiências próprias ele relatou no seu livro “O estado das prisões”, publicado em 1777. (Green, op. cit. pg. 7, 8). A influência deste livro foi tamanha que resultou numa reforma geral das prisões da Inglaterra, trazendo como um novo dia para o sistema penal. Howard visitou prisões na Holanda, Alemanha e outros países europeus, vindo a falecer no sul da Rússia, empenhado nesta obra valiosa.

A abolição da escravatura

Talvez o aspecto mais escuro no horizonte social da Inglaterra fosse a escravidão, se bem que houvesse muitas condições lamentáveis. E tanto pior, por que o povo inglês, em geral, a aceitava sem censura. Felizmente, em 1761 Jorge Fox levantou a sua voz corajosa e profética contra a escravidão, proclamando a necessidade de libertar os escravos.

Era uma voz clamando no deserto, mas a Sociedade dos Amigos, ou seja, os “quacres”, descendência espiritual de Fox, a ecoava. Em 1761, a Sociedade declarou que nenhum Amigo podia tomar parte no comércio da escravatura, sob pena de expulsão. Em 1774 e 1776, tomaram-se resoluções, proibindo os quacres de possuir escravos. Mas o povo em geral aceitava a escravidão como parte normal da sociedade, e muitos a defendiam com argumentos sofisticados, mas engenhosos. Depois da destruição da Armada Invencível da Espanha em 1588, a Inglaterra veio a dominar os mares, tornando-se um grande poder comercial. Os marinheiros ingleses, atraídos pelo lucro fácil da venda de escravos africanos para os colonos espanhóis na América do Sul, entraram no tráfico no fim do Século XVI. Quando a Inglaterra começou a colonização na América do Norte, a escravidão não tardou a

aparecer lá. Sendo uma prática velha e lucrativa, encontrava muitos defensores. Diziam que a escravidão representava avanço social, visto que antes os vencedores matavam as vítimas, agora só as colocavam em cativeiro. McConnell diz: “Aqueles que queriam o açúcar, bem como aqueles que se enriqueciam com o tráfico representavam a escravatura como uma empresa humanitária”. (McConnell, “Evangelists, Revolutionists, and Idealists”, pg. 173).

Publicaram-se alguns livros, novelas e poesias que chamavam a atenção ao povo para os direitos dos negros como pessoas. Parece que João Wesley tirou algumas idéias dos escritos de Antônio Benezet. No seu livro “Pensamentos sobre a Escravidão” publicado em 1774, Wesley contrastou a vida idílica dos negros no seu “habitat, natural da África com o seu cativeiro infeliz. Ele condenou a escravidão nos seguintes pontos: (1) Os meios cruéis de capturar os escravos; (2) os horrores da viagem pelo mar, durante a qual muitos morriam; (3) o tratamento cruel dos mesmos pelos donos. Refutou também o argumento que afirmava que um negro capturado na guerra, ou em que se vendia a si mesmo, ou um filho de escravos podia, legitimamente, ser escravizado, mostrando que a escravidão não era justificável por motivo algum. O livro terminava com a seguinte exortação: “Os comandantes de navios deviam deixar o tráfico da escravatura; os comerciantes deviam obedecer a sua consciência (nem comprando nem vendendo mais escravos); os fazendeiros não deviam derramar mais sangue inocente”. (Edwards, op. cit. pg. 64). Esta obra, de larga venda e influência, levou a Conferência Metodista de 1790 a declarar que ser dono de escravos era contrário às leis de Deus e do homem. (Edwards, op. cit. pg. 65).

Na tremenda luta pró abolição da escravatura na Inglaterra, certos nomes se destacam, tais como Pitt, Clarkson, Fox e Wilberforce, o mais famoso sendo Wilberforce. Este, filho dum rico comerciante, nasceu em Yorkshire no ano de 1759. Depois de formar-se na Universidade de Cambridge, foi eleito Deputado com somente 21 anos de idade. Fazendo uma viagem até Nice em 1784, com Isaque Milner, um evangélico, Wilberforce converteu-se ao Cristianismo Evangélico.

Voltando os seus pensamentos para a contemplação religiosa e a reforma dos costumes de nação, ele quase abandonou a sua carreira política. Mas o seu colega de Câmara, Pitt, escreveu-lhe: “Certamente os princípios, bem como a prática do Cristianismo, são simples, e conduzem não a contemplação tão somente, mas também à ação”. (McConnell, op. cit. pg. 166). Esta lógica convenceu Guilherme Wilberforce, que voltou ao seu lugar na Câmara ele se uniu à famosa “Seita Clapham”, constituída por um grupo de evangélicos, e brevemente tornou-se o seu líder.

Enquanto estudava na Universidade de Cambridge, Tomé Clarkson inscreveu-se num concurso de ensaios sobre o assunto: “É Justo Escravizar os Homens contra a sua Vontade?”. O seu ensaio, escrito em latim, ganhou o prêmio; e a sua tradução para o inglês, em 1786, pôs Clarkson em contato com Wilberforce e outros interessados na causa abolicionista. Eles fundaram, em 1787, um comitê abolicionista, que mais tarde se tornou uma sociedade. João Wesley, que apoiava o trabalho desta sociedade, publicou na “Revista Arminian” (“o órgão oficial”), em 1788, um artigo intitulado “As Resoluções da Sociedade para o Propósito de Efetuar a Abolição do Tráfico de Escravos”. Clarkson persuadiu Wilberforce a chefiar a luta na Câmara. Os cristãos evangélicos, querendo manifestar a sua oposição à escravidão, começavam a mandar abaixo-assinados a seus respectivos Deputados. Em 1791, “21 seitas Não-Conformistas, inclusive a Igreja Católica Romana, mandaram abaixo-assinado (ao Parlamento) com 132.978 assinaturas. Os metodistas, entretanto, enviaram abaixo-assinados com 229.426 assinaturas”. (Edwards, op. cit. pg. 222).

Wilberforce não era metodista, nem era amigo chegado de João Wesley, mas este sempre lhe escrevia cartas, animando-o na luta contra a escravidão. Uma das últimas cartas que Wesley escreveu foi para solicitar-lhe a continuação dos esforços na campanha; escreveu-a no dia 24 de fevereiro de 1791, terminando a sua carreira terrestre dali a menos de uma semana, no dia 2 de março.

Em abril de 1792, abriu fogo no Parlamento a “artilharia pesada”, com Wilberforce, Fox, e Pitt falando eloqüentemente pró abolição do tráfico. Os defensores da escravidão argumentavam que os donos tratavam bem os escravos por motivos econômicos; mas Wilberforce mostrou como o interesse econômico havia levado pelo menos um comandante de navio a afogar 100 escravos negros numa vez. (McConnell, op. cit. pg. 173, 174) Ele mostrou, por argumentos irrefutáveis, que, mesmo que o tráfico da escravidão estivesse ligado a certas empresas legítimas, a sua destruição não resultaria na destruição das ditas empresas. Apesar da sua eloqüência, o Parlamento não interditiu a escravatura em 1792. Mas os esforços não foram em vão; foram quais sementes que haviam de germinar e produzir frutos mais tarde.

Com a morte de Pitt em 1806, Carlos Tiago Fox passou a ser, sem dúvida, o maior vulto na vida pública da Inglaterra. Tendo recebido nesse ano uma pasta importante no gabinete, Fox conseguiu no dia 10 de junho de 1806 fazer passar uma proposta para a abolição. Não era lei, mas sim uma espécie de “declaração de intenção” por parte do Parlamento. Fox faleceu em 13 de setembro desse ano. Em 1807 foi promulgada a lei que pôs fim à escravatura na Inglaterra e em todas as suas possessões, e que se tornou efetiva no dia 1º de março de 1808. Esta lei libertou os escravos, mas interditiu o comércio de vidas humanas. Wilberforce e Clarkson não diminuíram seus esforços pró emancipação dos escravos. Com a formação da sociedade anti-escravagista em 1823, os dois foram eleitos vice-presidentes. Finalmente a Lei da Emancipação, a coroa da carreira de Wilberforce, e em grande parte devida a seus esforços, foi promulgada em agosto de 1833, ironicamente, um mês após a sua morte.

Terminamos aqui o nosso ensaio despretensioso. Por motivo de brevidade, pudemos indicar somente o espírito do metodismo primitivo, bem como a direção geral da sua expressão na vida social da Inglaterra no Século XVIII. Mas é a esperança sincera do autor infundir nos metodistas de hoje o mesmo espírito. Lembrando-nos da base bíblica da ligação entre a nossa religião e a ação social, e tendo diante de nós alguma indicação de ação metodista do século do seu nascimento, certamente teremos uma perspectiva mais excelente. É o nosso desejo ardente que a Igreja Metodista do Brasil sinta algo da glória da ação social, do desafio que os problemas sociais do Brasil nos apresentam, e da necessidade de que os cristãos evangélicos façam tudo quanto possível para resolver este problema. Conseguindo isto, o cálice transbordar-se-á.

1. Bett, Henry, “The Spirit of Methodism, Londres; The Epworth Press, 1937.
2. Body, Alfred H., “John Wesley and Education”, Londres; The Epworth Press, 1936.
3. Carroll, Henry King, “John Wesley”, The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge”, Vol. XII, Grand Rapids: Baker Book House, 1950.
4. Cell, George Croft, “The Rediscovery of John Wesley”, New York; Henry Holt and Co., 1935.
5. Cross, Arthur Lyon, “A History of England and Greater Britain”, New York: Macmillan, 1914.
6. Green, John Richard, “A Short History of the English People”, Vol. III, New York: The Colonial Press, 1900.

7. Edwards, Maldwyn, "After Wesley", Londres: The Epworth Press, 1935.
8. Edwards, Maldwyn, "This Methodism", Londres: The Epworth Press, 1939.
9. Hulme, Edward Maslin. "A History of the British People". New York: The Century Co., 1924.
10. Kissack, Reginald, "Methodist Shrines in England", "The Christian Advocate", August 2, 1951, Chicago.
11. McConnell, Francis John, "Evangelists Revolutionists and Idealists", New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1942.
12. McTyeire, Holland N. "A History of Methodism", Nashville: Publishing House of the M. Church, South, 1889.
13. Moore, John M. "Methodism in Belief and Action, New York: Abindgdon -Cokesbury Press, 1946.
14. North, Eric McCoy, "Early Methorist Philanthropy", New York: The Methodist Book Concern, 1914.
15. Robertson, Sir Charles Grant, "England Under the Hanoverians", New York: G.P. Putnam's Sons, 1939.
16. Traill, H. D., e Mann, J. S., Redatores, "Social England", Vol. V. Londres; Cassell and Co., Ltd. 1904.
17. Wakeman, Henry Offley. "An Introduction to the History of the Church of England", Londres; Revington's, 1945.

Nota: Texto gentilmente cedido pela Igreja Metodista do Brasil para reprodução sem fins lucrativos.

MÃOSdadas

Revista de Apoio aos que trabalham pela dignidade de nossas crianças e adolescentes.
Caixa Postal 88 – Cep: 36.570-000 Viçosa MG Brasil
www.maosdadas.net